MATERIAL EDUCATIVO



TERRITÓRIO em contexto

RESIDÊNCIA

CASA MOVENTE

ISBN: 978-65-995935-3-6

Este material educativo apresenta diferentes linguagens artísticas vinculadas aos processos de trabalho de artistas visuais brasileiros que participaram do programa Residência Casa Movente, realizado pela Oficina Escobar através da Secretaria da Cultura do RS e da Política Nacional Aldir Blanc. No decorrer do ano de 2025, quatro artistas visuais e um curador estiveram na região das Missões pelo período de 10 dias desenvolvendo pesquisas que abrangem este território sob diferentes perspectivas. Entre as prerrogativas do programa está o envolvimento de estudantes e professores das redes públicas de ensino da cidade que acompanharam a incursão dos residentes participando de oficinas de criação e colaborando com o desenvolvimento de seus projetos.

A Residência Casa Movente é um programa interessado em processos artísticos permeáveis ao contexto e nas trocas diretas entre artistas e comunidade, localizado na cidade de Entre-Ijuís, na região das Missões. O foco na cidade e na região acaba por trazer à tona o contexto em que o projeto está inserido, abordando de forma mais enfática a história de formação social da região, que teve sua colonização marcada por sucessivas disputas territoriais e narrativas, que dizimaram as comunidades indígenas originárias.

Entre deslocamentos, gestos mínimos, objetos carregados de história e autorrepresentações que escapam da imagem convencional, os trabalhos tensionam modos de ver e existir, propondo ao público uma experiência que não se encerra na contemplação, mas se desdobra como pergunta e atravessamento. A partir desse conjunto, foram elaborados exercícios e atividades pedagógicas para que professores possam estender a experiência da produção artística contemporânea até a sala de aula, estimulando os alunos a criar, caminhar, observar e refletir sobre seus próprios corpos e territórios. O material convida a transformar a fruição em um processo contínuo, ampliando as discussões e reflexões que as obras disparam e fazendo da arte um campo vivo de investigação e escuta.

Anelise Valls e Daniel Escobar



Paulo NAZARETH

Homem velho nascido em Nak Borun, no Vale do Watu, em Minas Gerais, Paulo Nazareth vive e trabalha pelo mundo. Sua obra é muitas vezes resultado de gestos precisos e simples, que trazem ramificações mais amplas, sensibilizando para questões ligadas à imigração, racismo e colonialismo. Seu meio mais forte é o cultivo e construção de relacionamentos com indivíduos que cruzam o seu caminho – especialmente aqueles colocados à margem devido ao seu status legal ou reprimidos pelas autoridades governamentais. O seu trabalho foi incluído em exposições coletivas como a 56ª Bienal de Veneza, Veneza (2015); 22nd Sydney Biennial, Sydney (2020); 34ª Bienal de São Paulo, São Paulo (2021); no Museu Nacional da República, Brasilia (2023); no Museum of Modern Art (MoMA), Nova York (2023), entre outras. Teve exposições individuais no Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte (2018); Institute of Contemporary Art (ICA Miami), Miami (2019); Pivô, São Paulo (2022); The Power Plant, Toronto (2022); na FaE – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais –, Belo Horizonte (2023-24); e Inhotim, Brumadinho (2024-2025).



Sem título, da série Notícias de América, 2011
impressão fotográfica sobre papel algodão
(67,5 x 90cm)

A PRODUÇÃO

A produção do artista é marcada pela sua condição: um nômade global, sempre em deslocamento. Sendo assim, a comunicação e a circulação são os principais recursos de desenvolvimento e de linguagem. Nazareth traça rotas e vínculos com o mundo; o ponto de partida de sua criação é o alto do Morro do Palmital, em Santa Luzia — mirante natural na zona Norte de Belo Horizonte, onde teria vivido o Povo de Luzia, ou Povo de Lagoa Santa. Reconstituindo caminhos percorridos e refazendo passos para lembrar e resgatar, ele encena sua própria identidade mestiça, contesta normas e preceitos (e também preconceitos) e busca reconectar conceitual, histórica, afetivamente sua poética com agentes de luta e resistência do passado e do presente, a fim de escancarar suposições estereotipadas sobre identidade nacional e raízes culturais. Seus trabalhos reúnem uma série de videoperformances feitas em diferentes lugares, com títulos variados, mas com uma mesma temática central. As videoperformances são filmadas e ocupam as ruas de diferentes cidades, em meio ao fluxo cotidiano de pessoas e de veículos que passam pelos locais em que as ações ocorrem, dando a ver um retrato das contradições e dos efeitos do colonialismo, do racismo e do capital global. Nazareth combina práticas documentais, montagens instalativas e escultóricas usando materiais encontrados em suas andanças e performances.

BASE TEÓRICA

A base teórica de Paulo Nazareth se fundamenta na arte decolonial, performance, e crítica institucional, utilizando o corpo, a jornada (deriva) e a precariedade como linguagens para questionar fronteiras, colonialismo, racismo e o próprio sistema de arte, propondo uma arte que confunde vida e obra e desafia o mercado tradicional com uma poética nômade e política. Ele se inspira em pensamentos pós-coloniais, teorias sobre a deriva (Situacionismo) e abordagens afrofuturistas para criar uma obra que é "fricção política" e "arte de conduta". Dentre pensadores importantes, destaca-se Aníbal Quijano, que aponta como o colonialismo deixou uma estrutura duradoura que organiza raça, trabalho e cultura; Walter Mignolo, que afirma que a decolonialidade nasce nas bordas, nas diásporas, nos sujeitos não reconhecidos pelo sistema; Gloria Anzaldúa, que discute a noção de fronteira/identidades híbridas e atesta que habitar múltiplas identidades é potência, não problema; Frantz Fanon e seu pensamento sobre a violência colonial e os modos pelos quais o colonialismo age no corpo e na psique; Achille Mbembe, que discorre sobre corpos racializados e poder, bem como Lélia Gonzalez, autora importante para pensar o Brasil a partir de matrizes afro-indígenas — não europeias.



Sem título, da série Notícias de América, 2012
impressão fotográfica sobre papel algodão (18 x 24cm)

ARTISTA ANDARILHO

Nazareth realiza caminhadas que cruzam o Brasil rumo a outros territórios, como o norte-americano e africano. Podendo ser lidas como caminhadas-performances, elas acabam por elaborar a própria experiência do artista e dos demais sujeitos que ele encontra a cada trajeto, permeado pelo imprevisível. O artista nomeia esta ação de "arte de conduta", isto é, uma maneira de se conduzir no mundo. A cada conexão traçada em seu percurso (seja com o outro individualmente, seja coletivamente em comunidades) há um manancial de histórias que são compartilhadas e que reorientam um modo de ser e estar no mundo. Nazareth já viajou longas quilometragens, chegando em diversos destinos: Miami, Nova York, Mumbai, Caiová; suas experiências, origens e signos narrativos se unem a referências plurais em um caminho de volta a suas origens.



Sem título, da série Notícias de América, 2011
impressão fotográfica sobre papel algodão
(60 x 80cm)



Aqui é Arte, 2005-2007
Impressão sobre papel, 21 x 14,6 cm (cada), conjunto de 5 folhetos

DESDE ONDE SE CRIA?

Descendente de negros, índios e europeus, Paulo tem como temas principais as questões relacionadas à identidade, à miscigenação, à censura, à violência, à opressão e ao próprio conceito de arte. Interessado nos deslocamentos possíveis nesses assuntos, suas obras ativam outras maneiras de fazer, negociar, se relacionar e produzir efeitos.

ARTE CIRCULAR, ARTE QUE CIRCULA

Nazareth propõe a circulação de suas obras e o faz de modo consciente. Os assuntos mobilizados tratam de valores e princípios humanos fundamentais. Um dos eixos de sua produção é a plataforma editorial P. NAZARETH ED./LTDA, que consiste na impressão de panfletos a baixo custo e em grandes quantidades, distribuídos gratuitamente ou por valores voluntários. Os conteúdos abarcam alguns de seus projetos, sejam eles realizados ou não, relatos e testemunhos, conceitos e memórias, que procuram debater de forma detalhada a crítica de ideologias dominantes e seus dispositivos de opressão estrutural.



Da série Produtos de Genocídio, 2018
Resina, produtos industrializados e madeira.

O artista lança mão da linguagem para mostrar como a palavra, muitas vezes, é opressora. Reunindo uma série de produtos, emblemas, itens e marcas conhecidos — como por exemplo pacotes de farinha, de café, de mate — vemos suscitados temas como a morte e a destruição da cultura ameríndia. Até o modo como suas criações vão ser expostas conta: tome-se como exemplo as barracas de mercado de rua artesanais para servirem como plintos para objetos cotidianos moldados em resina.



Da série Objetos para tampar o sol de seus olhos, 2011
impressão fotográfica sobre papel algodão (60 x 90cm)

CONTRA NARRATIVAS

O trabalho do artista brasileiro é baseado no ativismo e busca desafiar a narrativa que define a existência negra e indígena. Em seus filmes, performances, intervenções, pinturas, desenhos, instalações e esculturas, Nazareth mobiliza histórias de lutas e de resistência que ecoam em nossos dias. Associado a um conjunto de fatos, histórias e personagens à margem do que seja o padrão, o cânone e o legitimado, o artista recoloca o lugar do visual vinculado aos sentidos. Ao fazer resgates históricos que também são uma espécie de manifestação do conhecimento que desvia do que seja hegemônico, o artista borra as fronteiras entre o popular e a arte contemporânea.

DAR CONTA DO QUE É CONTADO E VIVIDO

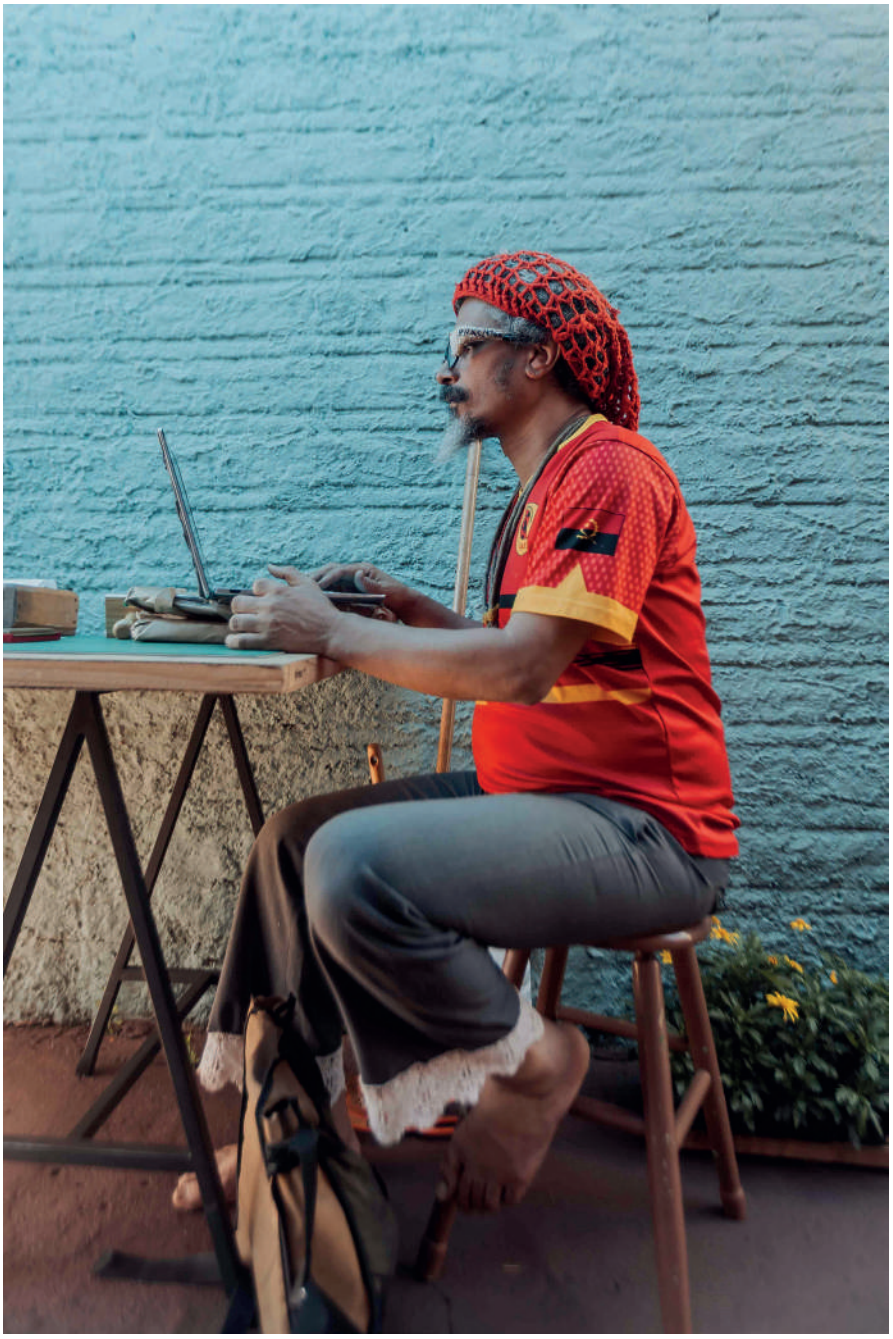
Nazareth afirma que sua trajetória inteira é em memória de seu trauma geracional. Cada gesto, visualidade, ideia e materialidade é acompanhado de uma experiência que traz na sua constituição uma natureza opressora e exploradora da história colonial.

PROCESSOS E VIVÊNCIAS NAS MISSÕES

Paulo Nazareth inaugurou durante sua estadia, o primeiro museu na cidade de Entre-Ijuís: MAMA (Monumento à Mãe do Mundo). Uma obra processual do artista, que convida pessoas de todo o mundo a desenharem a mãe que carregam na memória, interagindo com a obra à medida em que ela é criada, em uma ação conjunta do artista e dos participantes. Um ato de homenagem e partilha, um espaço para desenhar, escrever, lembrar, criar. Um arquivo coletivo, simultaneamente íntimo e político, em homenagem às mães – todas as mães – e ao gesto de ensinar, cuidar, narrar, partilhar. A obra conecta a vivência de Nazareth em Entre-Ijuís com outros pontos do globo, com base em um acervo que vai sendo ampliado e deslocado a partir da perspectiva nômade que define a poética (e a vida) do artista. Já no pátio anexo da Oficina Escobar, Nazareth criou o CEEJA - Centro de Estudos e Experimentos com Jardins Autônomos - um espaço composto por grande variedade de mudas e sementes de plantas com flores ou frutos amarelos disponíveis na região, equipamentos de jardinagem, terra, adubos orgânicos e vasos, que foram disponibilizados para interação da comunidade.




CEEJA
CENTRO DE ESTUDOS
& EXPERIMENTOS
COM JARDINS
AUTONOMOS






Uma Nação



Laryssa MACHADA

Artista visual, fotógrafa e filmmaker, nascida em Porto Alegre (RS), atualmente vive entre Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ). Constrói imagens enquanto rituais de contra-colonização e expansões de liberdade. Com estudos na área do jornalismo, ciências sociais e artes, cultiva o cruzamentos de saberes e o próprio caminhar como rota. Seus trabalhos discutem a construção de imagem sobre LGBTQIA+'s, indígenas, culturas marrons – caminhando pela reimaginação do território enquanto prática de educação visual. Transitando entre a ficção e a hiper-realidade. Indicada ao prêmio Pipa em 2022, recebeu o prêmio Foco Artrio em 2023 e já expôs nos Estados Unidos, Inglaterra, Bolívia, Portugal, França e em vários estados do Brasil. Em 2025, esteve na 14ª Bienal do Mercosul.



Dona Dete, 2021
Fotoperformance

A PRODUÇÃO

Seu trabalho, consistentemente focado em fotografias (que deslizam por vezes para a performance) é frequentemente realizado em colaboração com outras pessoas. Sua pesquisa artística propõe a ampliação daquilo que se pode entender como ritual. Ao articular fotografia, performance e audiovisual, ela reafirma corpos e afetos que permanecem invisibilizados, ao mesmo tempo em que constrói novos imaginários coletivos de pertencimento e resistência. Isso significa que cada imagem é menos um “documento” e mais um ato de convocação: de ancestrais, de memórias, de energias e de presenças que atravessam os corpos retratados. Assim, fotografar torna-se um gesto que reconfigura temporalidades, aproximando o agora do passado ancestral e projetando futuros possíveis. Para Machada, a câmera não apenas capta: ela cria presenças. As imagens, portanto, performam realidades: fazem ver corpos dissidentes como entidades e, ao mesmo tempo, pessoas concretas, em luta cotidiana.

BASE TEÓRICA

A base teórica de Laryssa Machada pode ser encontrada na noção de fabulação crítica e no recontar vidas apagadas. Para pensar “caçar imagens de volta a nosso favor”, como aponta a artista, é interessante pensar que o arquivo colonial é incompleto porque apagou vidas e que, portanto, é preciso fabular e recuperar histórias que não puderam ser contadas. Se as imagens e narrativas são ferramentas de restituição simbólica, a escritora Saidiya Hartman apresenta o conceito de “fabulação crítica”, que parece ser próximo do que Machada chama de “flechar um reencantamento”: recriar beleza, dignidade e espiritualidade para aqueles historicamente desfigurados pelas imagens coloniais. Hartman, que é historiadora e professora na Columbia University, inspira uma compreensão de imagem como cuidado, como cura, como reparação — que não repete a violência, mas abre portas para novos futuros.



Interferências, 2019
Fotoperformance



Interferences (vírus), 2019
Fotoperformance

REORIENTAR ROTAS E DESEJOS CIVILIZATÓRIOS

Quais caminhos podem ser inventados para falar do passado? E do futuro? Machada propõe releituras críticas e ficcionais que abordam a violência histórica e cultural contra corpos dissidentes. Laryssa está interessada em quem socialmente é desvalorizado pela norma: LGBTQIA+'s, indígenas, afrodiaspóricos, povos da rua, crianças, idosos. A fim de tratar da multiplicidade identitária brasileira atrelada à historicidade pré-colonial, seu trabalho vai ao encontro de uma certa desestabilização do imaginário coletivo, inclusive com relação ao que possa ser representado sobre o prazer e desejos femininos. Seu intuito é flechar um reencantamento, uma justiça que também passa pelo visual e que coloca em relação figuras humanas e não-humanas, misturando ancestralidade, documentos e efeitos fotográficos e tecnológicos. A artista chama tal proposta de "desinvasão brazil" como prática de educação visual.

FRICCIONAR SIMBOLOGIAS

Entre capacetes de garrafa pet, saias de estopa de cebolas, joelheiras de rótulos e embalagens plásticas, casulos feitos de mosquiteiros, escudos de antenas parabólicas, espelhos, lanças e fogo: um arsenal fotográfico e imagético que conta de um outro tempo, porvir, possivelmente. Colares de contas, bananas, galinhas, pimentões, espadas de São Jorge, véus, peixes, rendas, rede de pescas: tudo constelado para desprogramar o olhar.



Sem título, 2021
Fotoperformance

A DIMENSÃO RITUALÍSTICA

Sob uma postura que assinala desobediência frente ao absurdo da invasão sofrida em nosso território, a artista resgata e cultiva profundas ligações com a terra e com as energias contemporâneas e ancestrais. Sua produção se alia à magia, a rituais e celebrações a fim de transcender e curar feridas de opressão e brutalidade. Conjugando arte e vida, Machada reúne em suas imagens elementos dos diferentes mundos e tradições. Esses contatos são vistos sempre como afetivos: cada interação importa. Do diálogo mais corriqueiro em bares a pessoas com pressa em locais públicos, encontros pelas ruas, até rituais espirituais ou religiosos.



Que ficções criaram o meu corpo?, 2018
Fotoperformance

AUTORRETRATO

Como construir algo que a gente deseja se tornar? Machada considera o retrato e o autorretrato como “um lugar de autoconstrução, um processo de cura". Jogar luz nessas experiências de mundo — e, mais do que isso, nas vulnerabilidades — é seu modo de reforçar a permanência do próprio corpo e território.

PROCESSOS E VIVÊNCIAS NAS MISSÕES

No contexto das Missões Laryssa desenvolveu a série “Poder de Fogo”, onde é fotografada como uma guerreira sobre um cavalo, tendo ao fundo a catedral em ruínas no sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo. A cena remonta memórias de infância de Laryssa com suas bisavós e acende iconografias de resistência a partir de registros de guerreiros charrúas, realizados por Debret no século XVIII, encarnados enquanto gestualidade pela artista. Embalagens de ração, fertilizantes e sementes tornam-se insumos para a produção do traje usado pela artista , vestindo o corpo com uma espécie de cartografia de suas andanças pelas Missões. Suas imagens se entrelaçam ao território missioneiro, ao adotar as ruínas como plano de fundo para uma guerreira que incendeia tempo e espaço, e se veste com resíduos da lida na terra, em uma região marcada pelo agronegócio.






ação e contato com os olhos e
animais. Procurar serviço médico
com solo e outros produtos.
Não armazenar a céu aberto,
secos
dicada por
02 tombos na







Tuane EGGERS

Doutoranda em Poéticas Visuais pela UFRGS, mestra em Poéticas Visuais pela mesma instituição (2021) e jornalista pela Univates (2015). Seu trabalho em artes visuais é focado na fotografia, com temáticas relacionadas aos fluxos e à impermanência da vida. Em sua pesquisa atual, investiga relações de simbioses, coexistências e cocriações, em uma tentativa de resgate afetivo dos saberes da vida em rede. Participa do projeto de pesquisa "As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços" (IA/PPGAV/UFRGS). Possui cinco publicações independentes em fotolivros. Seu trabalho já foi exibido em países como Japão, Alemanha, Argentina e Rússia. Além da fotografia, também atua no campo audiovisual.

A PRODUÇÃO

A artista tem um estudo intitulado “A poética dos fungos” em que busca experimentar uma linguagem fotográfica em conjunto com os fungos como um de seus agentes criadores, como na série “Estudos sobre fungos & montanhas”.
Por meio de sua propagação sobre fotografias impressas, os fungos – cuja característica primordial é a de decompor e de transformar a matéria – atuam na co-criação e intervém no modo como nos relacionamos com a elaboração e composição de imagens. Enquanto organismos de interação entre a vida e a morte, é válido pensarmos como é possível relacionar as escalas micro e macro, e reforçar a importância dos seres ínfimos, bem como a potencialidade de transformação que eles contêm.
As imagens fotográficas são feitas em diferentes localidades, e já registraram a região da Cordilheira dos Andes, no Peru, por exemplo, em que vemos as geleiras no pico das montanhas, ou ainda em lugares muito vizinhos como bosques e parques. Se a produção de Tuane também reflete sobre a própria fisicalidade da arte, é antes de tudo para que possamos discutir sobre a linguagem da fotografia – que registra, fixa e eterniza a impermanência – inserida nos fluxos da matéria: a matéria física, a matéria do pensamento, a matéria do olhar, e suas maneiras de transmutação.

BASE TEÓRICA

A base teórica da produção artística é muito afeita com o conceito de simpoiese proposto pela filósofa e zoóloga estadunidense Donna Haraway.
Junto a esta discussão sobre fungos e arte está a antropóloga estadunidense Anna Tsing, que assinala que a separação que o ser humano concebe como natureza ou meio ambiente é uma separação artificial, uma vez que a natureza humana consiste em uma relação entre espécies, seja do ponto de vista biológico, seja cultural. Se somos compostos de muitos seres que habitam o nosso corpo e integram os nossos sistemas internos, como é possível não considerar o caso dos fungos e das bactérias? Tsing aponta que os fluxos mobilizados pela digestão micelial são, ao mesmo tempo, narrativas de degradação e criação. Neste ponto de vista, é importante considerar que o fim do mundo projeta também um início do mundo: depois dos humanos, o planeta seguirá seus próprios fluxos de criação e composição. Nas fotos, o ciclo de começo e fim também é borrado.



Reorganizar ciclos (mesmo onde falta o fôlego), 2017
Fotografia digitalizada a partir de negativo 35mm

VIVER AS REDES E OS EMARANHADOS

Criar implica em encontros.
Entre paisagens grandiosas e miúdas, ricas em matéria orgânica, são as alianças os meios fundamentais que nos permitem persistir.
Quais os vínculos preciosos que podem se estabelecer entre humanos e não humanos? Como quem aposta em multiplicar relações, a artista, em sensibilidade atenta, adentra a mata, percorre trilhas na floresta ao encontro de fungos com suas infinitas possibilidades de formas e de cores.



A poética dos fungos, 2021
Fotografia digitalizada a partir de negativo 35mm



Horizontes feitos de memórias, de montanhas, de sonhos e de saudades, 2017
Fotografia digitalizada a partir de negativo 35mm

OS FUNGOS COMO AGENTES COCRIADORES

Se os fungos são fundamentais para a manutenção do equilíbrio da vida no planeta, transformando e decompondo a matéria como a conhecemos, como organismos de interação entre a vida e a morte, é possível dizer que eles também criam poeticamente? Esta questão nos faz repensar conceitos fundamentais – entre eles, autoria, relações simbióticas, cooperação, indivíduo e coletivo, modos de existência, etc.

A FISICALIDADE DA ARTE COMO PARTE DOS CICLOS NATURAIS

A artista acredita que está longe do controle total do processo criativo: suas composições podem ser lidas como colaborativas, ou como ela as denomina, fotografias simbióticas. Ao se lançar a criar novas paisagens em conjunto com estes
seres, seu processo consiste em permitir que os fungos se espalhem sobre imagens fotográficas impressas, lidando com uma certa corrosão.
Nas fotografias vê-se montanhas, paisagens majestosas. Na artista vê-se: seu olhar, sua memória e sua relação com o tempo. Ambas nos lembram ora da permanência, ora da impermanência e, nesse vai e vém, uma exaltação da vida.



Estudos sobre fungos & montanhas, 2019-2021
Fotografia 35mm impressa em papel matte, em cocriação com fungos, registro em fotografia digital

Cada imagem guarda em si a autoria de quem a fez e a de quem a decompõe.

Se falamos de um processo artístico que corrobora com o fato de que os fungos são decompositores e participam da ciclagem de nutrientes, decompondo materiais orgânicos em moléculas simples, então a recepção que cada obra requer é vivermos entre encontros “abertos”, isto é, imprevisíveis, que nos solicitam reimaginar tanto quanto possível outros modos de ser e estar no mundo, que se afastam da destruição total e do falso progresso.

A GRANDEZA DAS EXISTÊNCIAS MÍNIMAS

A intencionalidade poética de Tuane consiste em desintegrar a paisagem para perceber sempre outras perspectivas. Olhar, pensar, sentir rizomaticamente: proliferação de outras possibilidades; alargamento de caminhos de futuro e, principalmente, abundância de presente: estar no aqui-e-agora com seus fluxos, movimentos, contradições e aberturas.

O conjunto de trabalhos aqui desenvolvidos nos aponta a necessidade de renegociar as relações com a natureza e revelam a cultura e nossos comportamentos não como estáticos, mas como uma força dinâmica e resiliente que rastreia outras respostas um tanto colaborativas, que emergem em paisagens improváveis, confiando que, ainda que o futuro seja incerto, ele pode residir nas fabulações miceliais.

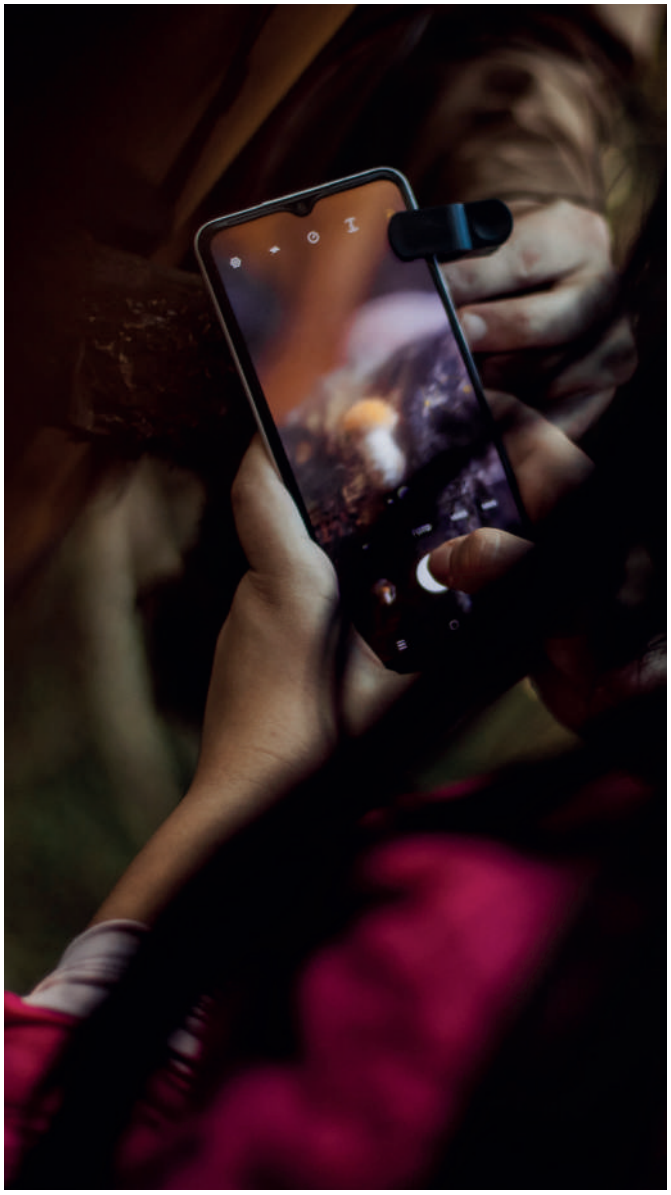


Como rasgar o tempo?, 2021
Fotografia digitalizada a partir de negativo 35mm

PROCESSOS E VIVÊNCIAS NAS MISSÕES

A artista realizou uma pesquisa a partir das formações de líquens que se desenvolveram sobre as ruínas da Redução Jesuítica Guarani de São João Batista, localizada na cidade de Entre-Ijuís. Para Tuane, o ateliê é um laboratório de pequenas coletas que amplia seus contornos a cada saída de campo: fotografias instantâneas, lupas, lentes, vidros, fragmentos recolhidos das ruínas históricas, livros e textos datilografados apontam para uma prática de escuta e aproximação onde ciência e poesia encontram um caminho comum. Evidenciando outras narrativas possíveis acerca deste território e conferindo atenção para as formas de vida que nascem sobre as ruínas da civilização, Tuane propõe uma reflexão sobre o papel da arte como ferramenta de tradução, propagação e resgate afetivo da relação com outros seres vivos.













Claudia HAMERSKI

É artista visual, doutora em Artes Visuais (PPGAV/IA/UFRGS). Sua investigação parte do olhar para as plantas espontâneas que surgem nas fissuras das cidades, o estudo das relações que estabelecemos com o lugar e o desenho como resíduo. Dentre os projetos mais recentes, em 2024 participou do Projeto Grafite de Giz, no Centro Cultural da UFRGS, Porto Alegre (RS); Em 2023 participou da residência Artística Sala Taller no Espacio de Arte Contemporáneo em Montevidéu/UY e realizou a exposição “a terra é tudo de certo modo” na Galeria Ecarta, Porto Alegre (RS); Em 2022 apresentou sua pesquisa atual na exposição “Às margens do desenho” na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Porto Alegre (RS). Participou do Projeto Perímetros no Adelina Instituto, em São Paulo (SP), em 2020. Em 2016 foi premiada no 10º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, como Destaque em Desenho e Incentivo à Produção Plástica com a exposição TOPOFILIAS (Salas Negras/MARGS) Porto Alegre (RS). Tem atuado como artista visual, participando de exposições e projetos no campo das artes, e na área da educação em espaços formais e não-formais.

A PRODUÇÃO

A produção da artista conta com ação de grafite sobre o papel, desenhos em pequena, média e grande escala. Caminhar e percorrer rotas são procedimentos de Cláudia que, por entre locais familiares e próximos de casa e do trabalho, registram vegetações, plantas e focos verdes e úmidos que variavelmente passam despercebidos pelos transeuntes. Ao capturar “os matinhos” insignificantes e lhes dar protagonismo, a artista concede a possibilidade de maximizar aspectos e ressaltar detalhes, tornando a experiência de rever esse mundo natural que será enfatizado por meio de elementos do próprio desenho. Em razão de traçar conexões com a cidade, a arquitetura e o lugar em que convive, Cláudia, para além do fotográfico, investe no instalativo e no performático como linguagens possíveis: novas paisagens passam a existir e são especializadas nas paredes, pelo piso e teto onde forem exibidas. Em uma nova relação que se dá não somente com o olhar, mas também com o corpo, nos são oferecidas novas imagens, em um mundo de circulação maximizada delas, o que nos permite um outro modo de estar e existir diante do mundo corriqueiro. Sob a abertura de sua obra para o imaginário, o onírico e o fantástico, percebemos que olhar para rachaduras, quinas, buracos e fendas é perceber a potência daquilo que quer germinar, brotar e florescer.



Rua Caldas Júnior, 120, 2016
Desenho de lápis grafite black sobre papel, 175 x 130 cm

BASE TEÓRICA

A base teórica de Claudia Hamerski pode ser vinculada ao pensador Emanuele Coccia, que lida com a filosofia das plantas e da vida vegetal. Coccia propõe que plantas são arquitetas do mundo e constituem espaços por onde circulamos. A artista destaca plantas marginais, “insignificantes”, reconhecendo sua agência e presença viva no urbano. Quando instala desenhos nas paredes, teto e piso, ela continua a espacialização que as plantas iniciaram. Além disso, também vale assinalar que o conceito de “terceiro paisagismo” de Gilles Clément no livro O Manifesto do Terceiro Paisagismo busca valorizar espaços residuais, “matinhos”, terrenos baldios e vegetações espontâneas como reserva de biodiversidade. Tal teoria é compatível para embasar a poética da artista sobre focos verdes desprezados uma vez que a vida insiste nos lugares onde ninguém cuida. Se os matinhos são ecossistemas resilientes, autônomos, vale dizer que a natureza tem agência, ou seja, ela age, cria, inventa, sem pedir permissão. A artista se alinha ao gesto de Clément porque dá valor ao que é invisível, reconhecendo a vida onde a cidade não reconhece e vê na planta espontânea uma forma de resistência.

OLHAR PARA O QUE NÃO SE VÊ

Flores e plantas que nascem espontaneamente, conhecidas como o "inço", o "mato": é desta matéria que a artista retira seu objeto de inspiração artística. Entre fissuras e a resistência do concreto, desponta uma diminuta vegetação cuja potência chama a atenção da artista. Qual é a força daquilo que surge entre calçadas, bueiros, muros e grades e que pode ser tão potente? Claudia nos questiona: como pode ser chamada de “erva daninha” uma planta que se dá de forma
espontânea, que é planta indicadora, que sugere uma certa possibilidade de convivência com outros contextos e meios?
Ao nos lembrar que elas têm papel fundamental na natureza, sobretudo por atrair polinizadores e colaborar na dispersão de sementes e na propagação de outras plantas, a artista tira o passante comum de um olhar saturado e viciado em não perceber, em não notar a escala. Ela reage à grandiosidade que há ao olharmos de perto seja um tronco de árvore, seja uma raíz que irrompe em direção ao céu ou ainda os brotos de minúsculas florzinhas que cabem entre os dedos. Há aí uma metáfora interessante para pensarmos nossa relação com a natureza, o processo de urbanização e todas as modificações que os cenários humanos têm feito e sofrido.



Só habita com intensidade aquele que soube encolher, 2022
Desenho de lápis crayon, grafite e carvão
sobre papel, 153 x 150 cm

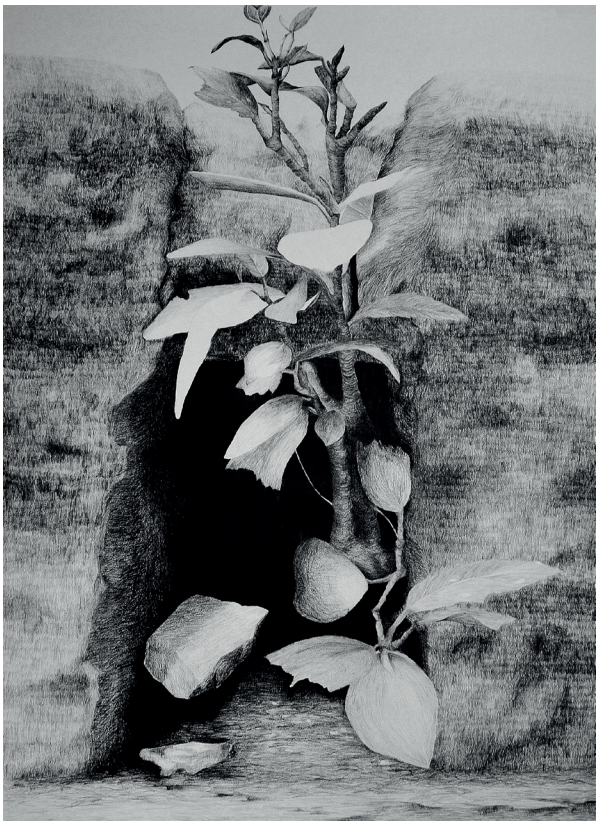
EVIDENCIAR A PRESENÇA

Por vezes os desenhos se espacializam com grandes instalações, nos dando a ver como o uso do lápis permite trabalhar detalhes, movimentos, preenchimentos, linhas, tons e texturas. Os olhos percorrem o papel: linha por linha eles dançam com suas ranhuras do elemento vegetal, repleta de texturas presentes nas folhas e seus padrões, formas, veios, ramos e espessuras.



Cabreúva (árvore do caburé), Da série Árvores Nativas, 2023
Desenho lápis crayon, grafite e carvão sobre papel, 200x153cm.

O MOVIMENTO DE EXTRAIR, RESSIGNIFICAR E OFERECER IMAGENS

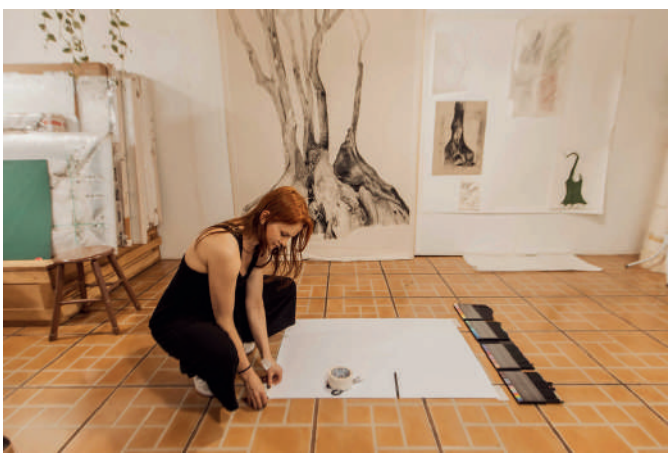


Rua General Câmara, 318, 2014.
Desenho de lápis grafite sobre papel, 178 x 131 cm.

Se a pesquisa artística se concentra em plantas periféricas e o estudo das relações que estabelecemos com o lugar, o primeiro passo é tomar consciência do que existe no entorno. Para que o registro fotográfico dessas vegetações esparsas aconteça, Claudia realiza caminhadas que dependem de uma percepção muito consciente de onde se pisa e para onde os olhos se dirigem. Seu processo de criação atenta, por exemplo, às copas das árvores na perspectiva na qual vê o céu como plano de fundo. Ao perceber os braços ramosos das plantas, a artista desenha os galhos neste movimento natural de ascensão, deslocando-os da escala e trazendo para perto do plano do chão, em papéis que são fixados verticalmente na parede e que criam outra relação de escala com o corpo. Nessa sofisticada teia de linhas, Claudia nos permite uma relação de imersão com uma paisagem. Como nos sentimos nesse mergulho?

ALTERAR A DIMENSÃO COMO QUEM ALTERA METAMORFOSEIA O MUNDO

Os desenhos – feitos com lápis de materiais distintos tais como grafite, crayon, carvão, pastéis coloridos – se colocam como expressão do elo afetivo entre pessoas e seus lugares ou ambiente físico, alicerçados pela ideia de que lugares são construídos a partir da perspectiva de experiência e sentidos. Conduzida por memórias e elementos do seu imaginário, as escalas ampliadas distorcem o que existe para o que poderia ser: uma fissura pode ser a boca de uma caverna, um caule fino e delicado se torna corpulento e maciço, uma folha pode vir a ser uma montanha e um rochedo.



PROCESSOS E VIVÊNCIAS NAS MISSÕES

Sua produção é baseada na prática do desenho e seus desdobramentos, incluindo os resíduos gerados pelo processo, com temáticas que dão a ver a insubordinação da natureza ao arquitetonicamente instituído. Durante a residência, estabeleceu a dinâmica que denominou "do traço ao território", convidando a comunidade local a investigar a linguagem do desenho. No Sítio Arqueológico de São João Batista, buscar linhas, texturas, cores e sombras que estão presentes em elementos da vegetação. Neste convívio se interessou pelo Umbu, árvore centenária que se desenvolve sobre os escombros da civilização Guarani, especialmente um exemplar que sobreviveu ao tempo se adaptando e sendo moldado pelos eventos ao longo dos anos. A árvore por ter seu tronco invadido por ruínas de construção e suas raízes perfuradas por escavações, é também resistência e ruína, marca histórica das ações do tempo e do homem.





Atividades pedagógicas sugeridas a partir do eixo:

FUNGOS

Conceitos disparadores: decomposição, cuidado, ciclos, redes, invisível, colaboração, simbiose.

1.1. “Micélio de Afetos” (Fundamental I e II / Médio)
Objetivo: criar visualmente uma “rede de apoios” inspirada no micélio.
Materiais: barbante, fios, papel, canetas.

PASSO A PASSO:

No centro do mural, a palavra Apoio/Colaboração.
Cada aluno escreve em pequenos cartões algo que o sustenta: pessoas, ideias, espaços, práticas.
Conectam seus cartões com fios, formando uma malha visual.
Ao final, discutir:

“O que conecta todos nós?”
“O que se mantém invisível, mas é essencial?”

Vínculo com arte contemporânea: analogia à pesquisa sobre micélio de muitos artistas ecofeministas e bioartistas.

1.2. “Diário da Decomposição” (Fundamental II / Médio)
Objetivo: observar transformações e pensar tempo, matéria e cuidado.
Materiais: potes transparentes, restos vegetais, terra, caderno.

PASSO A PASSO:

Montar pequenas composteiras individuais.
Observar por 7–14 dias (ou mais).
Registrar em desenho, texto ou foto as mudanças.
Ao final, cada aluno cria uma obra-microinstalação com fragmentos ou registros.

DISCUSSÕES POSSÍVEIS:

O que é transformação?
O que é o “fim” de uma coisa?
O que podemos aprender com a decomposição?

1.3. “Fungos Imaginados” (Fundamental I)
Objetivo: estimular imaginação e percepção da natureza.
Atividade: inventar tipos de fungos com materiais diversos (tinta, papel, algodão), dando funções poéticas a eles:
fungo da coragem, fungo do riso, fungo da amizade, fungo-ponte, etc.

Atividades pedagógicas sugeridas a partir do eixo:

BOTÂNICA

Conceitos disparadores: cuidado, observação, plantas nativas, paisagem, memória vegetal.
.

2.1. “Herbário Afetivo” (Fundamental II / Médio)
Objetivo: unir observação botânica e autobiografia.
Materiais: folhas secas, papéis, envelopes, etiquetas.

PASSO A PASSO:

Coletar 3–5 folhas caídas no entorno da escola.
Prensar por alguns dias.
Criar fichas: nome da planta (científico ou inventado), lugar encontrado, sensação provocada.
Montar um herbário coletivo.

DISCUSSÕES:

O que a vegetação conta sobre um território?

Como as plantas guardam memórias?

2.2. “Plantas como Mestres” (Fundamental I / II)
Objetivo: aprender com as formas de vida vegetal.

ATIVIDADE:
Escolher uma planta e desenhá-la em vários formatos: contorno, detalhes, negativo, textura.

Depois, responder: “O que essa planta me ensina sobre existir?” (resiliência, flexibilidade, ritmo).

2.3. “Jardim Imaginário” (Fundamental I)
Objetivo: criar mundos possíveis.

ATIVIDADE:
Cada aluno desenha ou modela uma planta impossível e cria uma história:
Onde cresce?

Para que serve?

Quem cuida dela?

Atividades pedagógicas sugeridas a partir do eixo:

LGBTQIA+

Conceitos disparadores: identidades, narrativas, acolhimento, corpo, visibilidade, multiplicidade.

.

3.1. “Autorretrato Não Literal” (Fundamental II / Médio)
Objetivo: explorar identidade sem impor imagem do corpo.
Materiais: papéis coloridos, colagens, texturas, objetos.

PASSO A PASSO:

Propor que cada aluno crie um autorretrato que NÃO use rosto ou corpo.

Pode usar: cores preferidas, objetos simbólicos, palavras, fragmentos de revistas.

Colocar os trabalhos juntos e observar como todos são diferentes e válidos.

DISCUSSÕES:

Identidade é múltipla.

Cada pessoa narra a si de modos diversos.

Arte como espaço de expressão sem julgamento.

3.2. “Mapa das Presenças” (Fundamental II / Médio)
Objetivo: pensar que cada história importa.

ATIVIDADE:
Em um grande papel, cada aluno marca um ponto e escreve uma palavra que represente sua existência no mundo: "coragem", "movimento", "curiosidade", “mudei”, “pertenço”.

Montar um mapa coletivo de presenças diversas.

3.3. “Histórias de Cuidado” (Fundamental I)
Objetivo: trabalhar acolhimento.

ATIVIDADE:
Leitura de livros infantis com personagens diversos e criação de desenhos sobre “como cuido do outro / como gosto de ser cuidado”.

Atividades pedagógicas sugeridas a partir do eixo:

CORPO COMO TERRITÓRIO POLÍTICO

Conceitos disparadores: vozes, fronteiras, circulação, arquivo, corpo, colonialidade.

.

4.1. “caminhar como gesto de descolonização” (Fundamental II / Médio)
Objetivo: questionar valor e troca no sistema da arte.

ATIVIDADE:
Cada aluno coleta 1 objeto descartado no trajeto casa–escola.
O objeto não pode ser comprado.
Deve ser algo:
quebrado / sujo / sem “utilidade clara”
Responder no caderno:
Onde encontrei?
Por que estava ali?
Quem poderia ter usado antes?

4.2. “Micro-entrevistas invisíveis” (Médio)
Objetivo: entender processos de escuta e alteridade

PASSO A PASSO:

Cada estudante conversa com alguém do bairro que normalmente não seria ouvido: zelador, merendeira, vendedor ambulante, porteiro, catador.
Cada aluno faz uma pergunta única:
“O que este lugar significa para você?”
Cada aluno faz registros;
Anotar apenas frases, não narrativas longas.
Apresentar isso no grupo para conversar;

4.3. “Meu corpo é documento” (Fundamental I/II/Médio)
Objetivo: exercitar um autorretrato político

ATIVIDADE:
Alunos criam um autorretrato sem rosto: usando fotos de contextos e objetos pessoais.
Isso pode vir acompanhado de um texto:

Meu corpo carrega a história de...
Discussão:
De que histórias meu corpo fala sem eu perceber? Que histórias sociais aparecem quando olhamos para outros elementos em vez de para nossos rostos?

Residência Casa Movente 2025

Curadoria: Daniel Escobar
Curador residente: Marcio Harum
Artistas residentes: Claudia Hamerski, Laryssa Machada, Paulo Nazareth e Tuane Eggers
Juri de seleção: Lola Fabres, Marcio Harum e Daniel Escobar
Pesquisa local: Lucas Vieira
Curadora pedagógica: Anelise Valls
Produção: Oficina Escobar
Produtora executiva: Aderlize Martins
Identidade visual: Patrícia Heuser
Fotografia: Thiago Mann e Raisa Bosniac
Produção audiovisual: Guilhermo Gil (Palomar Estúdio)
Assessoria de imprensa: Fernanda Dora (MultiplicaDora)
Contabilidade: Luciane Biasi Buzata (Conecta Contábil)
Escolas Parceiras: Escola Técnica Estadual Entre-Ijuís, Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Carlos Kruel, Escola Municipal de Ensino Fundamental Zeferino Antunes de Almeida
Instituições parceiras: Museu Histórico das Missões (MHM) e Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVi)

Território em Contexto: Material Educativo

Organização: Daniel Escobar
Proposta pedagógica: Anelise Valls
Textos: Anelise Valls e Daniel Escobar
Artistas: Claudia Hamerski, Laryssa Machada, Paulo Nazareth e Tuane Eggers.
Revisão: Marden Müller
Design Gráfico: Patrícia Heuser
Fotografia: Thiago Mann e Raisa Bosniac
Edição: Oficina Escobar

POLÍTICA NACIONAL

PNAB

ALDIR BLANC

APOIO

ieavi
INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS

Museu Histórico Das Missões

REALIZAÇÃO

OFICINA ESCOBAR

FINANCIAMENTO

PRO cultura

SECRETARIA DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO